



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## António Madeira: Teatro (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"António Madeira: Teatro (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 179.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

O vínculo aos lugares-comuns geracionais e certas fragilidades de forma convertem os poemas de *Mar Coalhado* em etapa de escrita no percurso dum autor que iria seguir caminhos próprios e encontrar no conto e na novela o seu modo electivo de expressão. Mas essa etapa imprime uma marca na obra de Branquinho da Fonseca, pois tanto o drama como a prosa de ficção estão impregnados dum lirismo ou «visão poética» a que a geração presencista deu todas as honras, ao celebrar o Poeta como ser excepcional e predestinado. É significativo, por exemplo, que a peça *Curva do Céu* seja designada «poema em um acto», ou que o esboço dramático «Os Dois», incluído no n.º 23 de *Presença*, tenha como protagonista(s) «o Poeta, ele e o outro», projecções de auto-análise e de um anseio de sinceridade. E é igualmente revelador o facto de os fragmentos líricos incluídos em *Presença*, *Sinal* e *Manifesto* hesitarem entre a configuração formal do verso e da prosa, indecisão de que ressalta a osmose de ambos: é o caso do conjunto de textos em prosa inseridos no n.º 1 de *Manifesto*, intitulado «Poemas».



2

Branquinho da Fonseca inicia o seu percurso de ficcionista com *Zonas* (Coimbra, 1931-32). Contemporâneo de *Elói* (1932), de João Gaspar Simões, e de *Jogo da Cabra Cega* (1934), de José Régio, o livrinho corporiza, como aqueles, a tentativa da prosa de ficção que a partir dos anos 30 seduziu a geração da *Presença*, até aí mais voltada para a criação poética, e apostada na divulgação e na crítica do romance europeu de feição introspectiva, onde foi buscar as suas principais referências. *Zonas* inscreve-se, a seu modo, na linha de certo psicologismo traduzido na exploração de uma interioridade problemática, frágil e acossada, à margem das convenções sociais.

Na sua ambiguidade, o título aponta para a prevalência, neste conjunto de *short stories*, de uma categoria narrativa: o espaço, simultaneamente físico e psicológico, microcosmos onde se jogam os dramas de anti-heróis sem saída, e os encontros e desencontros da grande farsa social. Como escreveu Manuel de Sousa Lobo em 1967:

*Zonas* — o que quer dizer? Pois quer dizer que... *há mais mundos*... Quer dizer que, no quotidiano, se encontram caminhos ignorados, tão reais como aquilo a que convenciamos chamar realidade; quer dizer que, no Real, coexistem muitas zonas; ou que o Real se compõe de zonas diversas ou antagónicas. O estudo e a análise de tais faces do quotidiano, eis a intenção do autor.<sup>8</sup>

O foco destas narrativas vai, pois, para as zonas obscuras da realidade exterior e interior, iluminando-as em breves *flashes* de ficção cujo efeito mais surpreendente é o estranhamento, a desrealização do real e a espectralização dos seus figu-